

Cultura: Um fazer ideológico
Análise crítica do fazer ideológico na cultura de periferia da
cidade de São Paulo/ *Culture: An Ideological Doing*
Critical analysis of the ideological performance in the periphery
culture of the city of São Paulo

*Denise Bergamo da Rosa*¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cultura de periferia da cidade de São Paulo como um fazer ideológico. Para isso, esta pesquisa se apresenta em etapas que vão à contextualização territorial da cidade que, ao se expandir, segrega sócio espacialmente seus habitantes e configura a periferia da cidade de São Paulo como um território de desigualdades políticas, econômicas e sociais. Desigualdades estas, dadas pelas (ir) racionalidades e (i) lógicas de um modo de produção implantado por políticas econômicas pelo Estado burguês e análise a década de 1990 na perspectiva da periferia, que se valeu da organização cultural para se colocar no campo da luta de ideias, utilizando a linguagem artística do rap.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia; Cultura; Periferia.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the periphery culture of the city of São Paulo as an ideological work. For this, this research presents itself in stages that go to the territorial contextualization of the city that, when expanding, spatially segregates its inhabitants and configures the outskirts of the city of São Paulo as a territory of political, economic and social inequalities. These inequalities, given by (ir) rationalities and (i) the logic of a mode of production implanted by economic policies by the bourgeois state; the 1990s are analyzed by perspective of the periphery, which took advantage of the cultural organization to put itself in the field of the struggle of ideas, using the artistic language of rap.

KEYWORDS: Ideology; Culture; Periphery.

¹ Bacharelada em Serviço Social pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Mariana, Minas Gerais, Brasil; debergamo@yahoo.com.br

Introdução

Para nós, o mote fora do eixo do V Simpósio de Estética da PUC-SP² é literalmente uma mudança de direção. Saímos do centro para a periferia da cidade de São Paulo e junto a este deslocamento geográfico direcionamos os nossos olhares para as ideias advindas desta periferia.

Seguindo a proposta do Simpósio “*Queremos buscar em outras paragens, em outras paisagens, geográficas e de pensamento, aquilo que se opõe por sua própria forma de ser aos ditames de uma produção que carrega consigo valores.*”.

Assim a cultura produzida às margens da metrópole foram pesquisadas por nós como um fazer ideológico. Ideológico, pois a configuração sócio-espacial das periferias são, em nossas considerações, territórios de forte expressão de resistência social. Essa assertiva se dá com base nos estudos referentes ao território periférico.

Deste modo, obras como *A espoliação urbana*, de Lúcio Kowarick; *A produção capitalista do espaço*, de David Harvey; *Quando novos sujeitos entram em cena* de Emir Sader e a tese de Silvia Raimundo Lopes *Território, cultura e política*, junto aos conceitos de *Superexploração* de Ruy Mauro Marini; *Dominação burguesa* de Florestan Fernandes; *espaços opacos e lentos* de Milton Santos e *sujeito periférico* de Tiaraju Pablo D’Andrea são as nossas fundamentações teóricas sobre a constituição sócio-espacial das periferias paulistanas.

Fundamentações que nos levam ao estudo das manifestações culturais³, em específico o Ritmo e Poesia (RAP), como um fenômeno que se coloca em grande pulsão de possibilidades de emancipação humana à sua população, pois ela produz e consome sua cultura em uma dinâmica que foge ao eixo em que se

² Texto apresentado em comunicação no V Simpósio de Estética da Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP em 23 de maio de 2018.

³A abordagem feita por nós a categoria cultura em sua dimensão antropológica segue os passos de Val (2017) que ministrou aulas dentro do curso de *Políticas Públicas de Cultura* promovido pela *Escola de Parlamento* da cidade de São Paulo no ano de 2015, o curso em questão trouxe a experiência da Lei de Fomento a Cultura de Periferia.

sustenta a questão urbana. E para que chegássemos a esta hipótese, da cultura como um fazer ideológico, compreender a constituição deste território foi de crucial importância.

1 A desigualdade entre centro e periferia na cidade de São Paulo: Breve contextualização territorial

“A acumulação capitalista sempre foi uma ocorrência profundamente geográfica” (David Harvey)

Nossa abordagem à cidade de São Paulo será marcada por um recorte histórico. Interessa-nos aqui contextualizar de forma breve este município a partir da formação espacial entre centro e periferia durante o processo de desenvolvimentismo no país, analisando a questão urbana.

A questão urbana, como particularidade da “questão social”, é a expressão da distribuição desigual das atividades humanas na organização socioespacial do processo de produção e reprodução do capital e é também forma de resistência e de luta entre as classes sociais que compõem a estrutura social no contexto das cidades. (BURNETT. 2012; SILVA.1989 *Apud* CFESS. 2016, p. 13)

É a partir deste período de industrialização, disseminado pela ideologia do desenvolvimentismo, que a cidade tem aumento considerável de sua população e de sua expansão geográfica. Houve um aporte legislativo por parte do Estado para que a mão de obra chegasse em abundância às grandes cidades.

Os governos originados após a Revolução de 1930 (chefados até 1945 por Getulio Vargas), além de porem em prática uma política mais decidida de industrialização (...) criaram uma legislação do trabalho aplicável unicamente às áreas urbanas (na verdade, apenas às cidades maiores) que proporcionou aos assalariados urbanos um padrão de vida substancialmente mais alto que o das massas rurais. Surge desta maneira um sistema de incentivos que atrai uma parcela crescente dos trabalhadores rurais às cidades. A grande massa rural, confinada na economia de subsistência, passa a constituir para a economia capitalista industrial um verdadeiro reservatório de mão de obra ou, na expressão clássica de Marx, um exército industrial de reserva. (SINGER. 1985, p.122)

De 1930 até 1970 esse considerável crescimento populacional, em São Paulo, seguindo a lógica de acumulação capitalista, instaurada pelo processo de desenvolvimentismo pelo o qual o país passava, caracteriza uma expansão geográfica que se configuraria entre centro e periferia. Em Raimundo (2017) observamos a produção da metrópole de acordo com um padrão periférico.

Essa forma de produção da metrópole definiu-se a partir do padrão periférico de crescimento urbano de São Paulo entre 1930 e 1970, especialmente nas décadas de 1940, 1950 e 1960, período de maior expansão horizontal da mancha urbana. A abertura de loteamentos e a construção de casas populares a baixo custo, feitas de forma extensiva a partir da autoconstrução, funcionou como estratégia para formar a classe operária e criar um exército de reserva para a indústria nascente. A garantia de moradia para paulistanos e migrantes baixava o custo para a reprodução do trabalhador, o que facilitava a permanência em São Paulo. A autoconstrução consubstanciou-se como estratégia barata e muito lucrativa para o capital, por dois motivos fundamentais, primeiro porque as empresas aproveitaram-se da força de trabalho das grandes massas de trabalhadores e, depois porque possibilitou que houvesse a valorização do solo com intensa circulação de capital. (RAIMUNDO.2017, p.40)

Reconfigurar-se-ia deste modo a disposição das classes no espaço de acordo com a adoção de uma política econômica capitalista que, para ser reproduzida, carecia ter grande volume populacional, população esta, que veio tentar sobreviver nas periferias da cidade, atendendo assim as necessidades do capital.

(...) a população em geral, e especialmente a população que afluía às cidades, necessitava ser transformada em "exército de reserva". Essa conversão de enormes contingentes populacionais em "exército de reserva", adequado à reprodução do capital, era pertinente e necessária do ponto de vista do modo de acumulação que se iniciava ou que se buscava reforçar (...). (OLIVEIRA. 1972, p.12).

O processo de expansão territorial da cidade se dá em meio a uma segregação entre centro e periferia, principalmente. E que se dá, ao nosso ver, dentro de uma, (ir) racionalidade capitalista, caótica (KOWARICK. 1979) que por sua vez gera a questão urbana.

A distribuição espacial da população no quadro deste crescimento caótico reflete a condição social dos habitantes da cidade, espelhando ao nível do espaço a segregação imperante no âmbito das relações

econômicas. O agravamento dos problemas que afetam a qualidade de vida da população de São Paulo não atinge a cidade em geral. Sobretudo a partir das últimas três ou quatro décadas, surgem e se expandem os bairros periféricos que, conjuntamente com os tradicionais cortiços e favelas, alojam a população trabalhadora. E nestas áreas que se concentra a pobreza da cidade e de seus habitantes. (KOWARICK. 1979, p.30)

Esses espaços se configuraram entre: periferias, tendo por composição um exército industrial de reserva; E centro, espaço geográfico de maior atenção por parte do poder público, uma vez que o poder público é constituído historicamente pela burguesia local, consolidando neste espaço a concentração e centralização de parte das riquezas produzidas no processo de industrialização.

A análise do processo de inserção da América Latina nos moldes capitalista em Marini (1973) traz para nossa reflexão a categoria de superexploração da força de trabalho. Identificando três mecanismos para “*exacerbar esse afã por lucro e aguçar, portanto os métodos de extração de trabalho excedente*” (MARINI. 1973, p.12) da burguesia que se consolidava na cidade. Sendo eles:

(...) intensificação do trabalho, a prolongação da jornada de trabalho e a expropriação de parte do trabalho necessário ao operário para repor sua força de trabalho — configuram um modo de produção fundado exclusivamente na maior exploração do trabalhador (...)” (MARINI. 1973, p.12)

A superexploração da força de trabalho dos periféricos acompanha o que Kowarick (1979) em sua análise sobre o problema habitacional urbano chamou de *espoliação urbana*,

(...) é o somatório de extorsões que se opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo que se apresentam como socialmente necessários em relação aos níveis de subsistência e que agudizam ainda mais a dilapidação que se realiza no âmbito das relações de trabalho. (...) A lógica da acumulação que preside ao desenvolvimento brasileiro recente apoia-se exatamente na dilapidação da força de trabalho. Na presença de uma vasta reserva de mão de obra e na ausência de uma sólida organização sindical e política da classe operária, tornou-se fácil aumentar as taxas de exploração. O desgaste de uma força de trabalho submetida a jornadas de trabalho prolongadas e as espinhosas condições urbanas de existência tornam-se possíveis na medida em que a maior parte da

mão de obra pode ser prontamente substituída. (KOWARICK. 1979, p.42)

E nossa compreensão sobre a permanência desta configuração na periferia da cidade, sobre a desigualdade política, econômica e social entre centro e periferia, está em Fernandes (2006), ao tratar da dominação burguesa.

A dominação burguesa não é só uma força socioeconômica espontânea e uma força política regulativa. Ela polariza politicamente toda a rede de ação autodefensiva e repressiva, percorrida pelas instituições ligadas ao poder burguês, da empresa ao Estado, dando origem a uma formidável superestrutura de opressão e bloqueio, a qual converte, reativamente, a própria dominação burguesa na única fonte de “poder legítimo”. Mero reflexo das relações materiais de produção, ela se insere, como estrutura de dominação, no âmago mesmo dessas relações, inibindo, suprimindo ou reorientando, espontânea e institucionalmente, os processos econômicos, sociais e políticos por meio dos quais as demais classes ou quase-classes se defrontam com a dominação burguesa. Isso explica, sociologicamente, como e por que a dominação burguesa se erige no alfa e no ômega não só da continuidade do modelo imperante de transformação capitalista como, ainda, da preservação e alteração da ordem social correspondente. Ela se impõe como ponto de partida e de chegada de qualquer mudança social relevante, e se ergue como uma barreira diante a qual se destroçam (pelo menos por enquanto) todas as tentativas de oposição às concepções burguesas vigentes do que deve ser a “ordem legal” de uma sociedade competitiva, a “segurança nacional”, a “democracia”, a “educação democrática”, o “salário mínimo”, as “relações de classes”, a “liberdade sindical”, o “desenvolvimento econômico”, a “civilização” etc. Deste ângulo, dela provêm a opção interna das classes burguesas por um tipo de capitalismo que imola a sociedade brasileira às iniquidades do desenvolvimento desigual interno e da dominação imperialista externa. (FERNANDES. 2006, p.353)

É nesta formidável estrutura de opressão e bloqueio que o Estado se faz presente na periferia, tanto por sua negligência na geração de bens coletivos como pela manutenção da ordem social “*necessária à realização de um determinado “modelo” de acumulação.*” (KOWARICK. 1979, p.59).

Em nossas considerações a violência na região periférica se dá na configuração territorial a partir da lógica de acumulação capitalista, tendo por eixo a superexploração da força de trabalho; a espoliação urbana; a manutenção deste modelo de acumulação com a superestrutura da dominação burguesa e se agrava em 1990 com a difusão da ideologia neoliberal que chega ao país.

Assim, a violência que se instaura como resultado de uma conjuntura política, social e econômica no distrito, será mais uma mola propulsora para que

a periferia da região sul da cidade de São Paulo se organize para mudar este panorama e busque a mudança no território que se dará também pela via da cultura através de seus sujeitos periféricos⁴ (D'ANDREA. 2013).

2 Organização cultural: quando sujeitos da crítica ideológica entram em cena

Para analisarmos a cultura como um fazer ideológico, os anos de 1990 foram emblemáticos. Uma vez posta à ordem do dia a disseminação da ideologia neoliberal⁵ no país, desponta na mesma época, no cenário artístico, o grupo de Rap *Racionais MC's*, oriundo da periferia da cidade.

O encontro destes jovens, negros e periféricos se dava na estação São Bento do Metrô, região central da cidade, local de maior concentração de pessoas que produziam e consumiam esta arte nos anos de 1980 a início da década de 1990, uma vez que o centro é um espaço geográfico que possibilita o encontro das periferias.

O grupo produz na década de 1990 três álbuns: *Holocausto urbano* (1990); *Raio X do Brasil* (1993) e *Sobrevivendo no inferno* (1997). Álbuns que retratam e refletem o contexto de extrema pobreza e violência que passavam as periferias paulistanas.

Em grandes traços, este era o contexto social, político e econômico dos bairros periféricos de São Paulo da década de 1990. Uma mescla de desesperança, raiva, fracasso, resignação, pobreza, sangue, insegurança. Enfim, desespero. A civilização havia chegado ao limite e se equilibrava na beira de um abismo, impondo as perguntas mais básicas da espécie: a comida ou a fome, a vida ou a morte. Não havia outra saída a não ser tentar buscar esperança no mais básico dos instintos, aquele cujo o objetivo é perpetuar a espécie. A partir desse cenário (...) e a partir do legado de experiências que haviam acumulado, os moradores de bairros populares passam a buscar saídas ao quadro que havia se estabelecido. Eram necessárias respostas práticas (D'ANDREA, 2013, p.57)

⁴ Em síntese se compreende o conceito de sujeito periférico em três elementos: “o reconhecer-se como periférico; o orgulho dessa condição e a ação política a partir dessa condição” (D'ANDREA. 2013, p. 177)

⁵ O documentário de Tendler (2014) “*Privatizações: A distopia do capital*” relembra a disseminação do ideário neoliberal pela mídia hegemônica. No documentário, se resgata a publicidade na era Collor sobre o Estado, representado pela figura de um elefante, tentava-se disseminar a ideia de que o Estado era pesado, custoso e ineficiente, pretexto às privatizações.

Violência como resultado da miséria gerada pela adoção de uma política econômica que tem por lógica a lei geral da acumulação de capital. “(...) *quanto maior forem as camadas lazentas da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior será o pauperismo oficial. Essa é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista.*” (MARX.2013, p.875)

Lógica de acúmulo de capital que se dá em um país de capitalismo tardio e dependente (FERNANDES. 2006), que submete sua população – força de trabalho e exército industrial de reserva – a uma dominação burguesa que a superexplora, fazendo com que esta população sobreviva no inferno, parafraseando o álbum do grupo de 1997, *Sobrevivendo no Inferno*.

E são nas letras das músicas que este grupo, enquanto organização cultural⁶, encontra o suporte para retratar o cotidiano de miséria e violência e contrapor as ideias hegemônicas disseminadas à época.

O domínio está em mão de poderosos, mentirosos/ Que não querem saber/ Porcos, nos querem todos mortos/ Pessoas trabalham o mês inteiro/ Se cansam, se esgotam, por pouco dinheiro/ Enquanto tantos outros nada trabalham/ Só atrapalham e ainda falam/ Que as coisas melhoraram/ Ao invés de fazerem algo necessário/ Ao contrário, iludem, enganam otários/ Prometem 100%, prometem mentindo, fingindo, traindo/ E na verdade, de nós estão rindo. (...) Menores carentes se tornam delinquentes/ E ninguém nada faz pelo futuro dessa gente/ A saída é essa vida bandida que levam/ Roubando, matando, morrendo/ Entre si se acabando/ Enquanto homens de poder fingem não ver/ Não querem saber/ Faz o que bem entender/ E assim... aumenta a violência/ Não somos nós os culpados dessa consequência? (RACIONAIS MC'S. 1990)

A letra *Tempos difíceis*, do álbum *Holocausto Urbano*, de 1990, aponta as contradições entre capital e trabalho, onde o trabalho é socializado e os lucros privatizados e a resultante da lei geral da acumulação capitalista: miséria e conseqüentemente a violência. Pode-se observar também a questão de classe posta na música, “*o domínio está nas mãos dos poderosos (...) iludem, enganam (...) prometem mentindo, fingindo, traindo (...)*”. (RACIONAIS MC'S. 1990) e seu poder de mistificar (MÉSZÁROS. 2014).

⁶ Categoria de Gramsci, analisada por Carlos Nelson Coutinho, e que tomamos aqui de empréstimo para formular nossa hipótese sobre a cultura como um fazer ideológico.

Mistificação esta posta na letra como o poder de iludir, enganar, mentir, fingir e trair. É em Mézaros (2014), no estudo sobre o poder da ideologia, que encontramos estas condições assimétricas do campo ideológico entre as ideologias críticas e as ideologias dominantes.

As ideologias críticas que tentam negar a ordem estabelecida não podem mistificar seus adversários pela simples razão de que não têm nada a oferecer – por meio de suborno e de recompensas pela acomodação – àqueles que já estão bem estabelecidos em posições de comando, conscientes de seus interesses imediatos tangíveis. Por isso, o poder da mistificação sobre o adversário é um privilégio da ideologia dominante e só dela. (MÉSZÁROS, 2014, p.472)

Sendo da ideologia dominante o poder de mistificar, resta a ideologia crítica o mais básico e efetivo suporte: a palavra.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. O valor exemplar, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica já deveriam nos fornecer razões suficientes para colocarmos a palavra em primeiro plano no estudo das ideologias. É precisamente, na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica. Mas a palavra não é somente o signo mais puro, mais indicativo; é também um signo neutro. Cada um dos demais sistemas de signo específico de algum campo particular da criação ideológica. Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhes são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela. A palavra, ao contrário, é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Pode preencher qualquer espécie de função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. (BAKHTIN, 2010, p.37)

As letras por nós analisadas realizam, em nosso entendimento, a crítica à ordem estabelecida e mais que isso, são como uma arma crítica desta ideologia hegemônica que tem o poder de mistificar, indo de encontro com este poder que a ideologia dominante possui.

Meu estilo é pesado e faz tremer o chão/ Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição (...) Como um ataque cardíaco/ No verso/ Violentamente pacífico/ Verídico/ Vim pra sabotar seu raciocínio/ Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo/ Pra mim ainda é pouco/ Brown cachorro louco/ Número 1 dia/ Terrorista da periferia/ Uni-dunitê/ O que eu tenho pra você/ Um rap venenoso ou uma rajada de PT/

E a profecia se fez como previsto/ 1. 9. 9. 7, depois de Cristo/ A fúria negra ressuscita outra vez/ Racionais capítulo 4 - versículo 3 (RACIONAIS MC'S, 1997)

A letra citada é da música *Capítulo 4, versículo 3* do álbum de 1997, *Sobrevivendo no inferno*. De estilo e métrica que estremecem as estruturas, as palavras são as armas que o grupo periférico utiliza para colocar-se na arena das ideias, tendo em vista as assimetrias que esta disputa estabelece como vimos em Mészáros (2014). E na exaltação dos versos, o rap lança sua ideologia crítica contra a ideologia dominante.

A burguesia, conhecida como classe nobre/ Tem nojo e odeia a todos nós, negros pobres/ Por outro lado, adoram nossa pobreza/ Pois é dela que é feita sua maldita riqueza/ Beco sem saída!/ "-É, meu mano KL Jay./ O poder mente, ilude, e domina a maioria da população,/ Carente da educação e cultura./ E é dessa forma que eles querem que se proceda. Não é verdade?" /"-É, pode crê!" (RACIONAIS MC'S. 1990)

A letra é da música *Beco sem saída*, do álbum *Holocausto urbano* de 1990. Podemos analisar novamente a questão de classe posta, assim como a questão da mistificação. Estes jovens são considerados em Souza (2012), como intelectuais da periferia. Intelectualidade que utiliza da cultura para disseminar sua ideologia crítica, escolha vista em Silva (2012) como a mais eficaz.

Em meio a tantas armas de que esses jovens podem lançar mão, escolheram a mais eficaz: a cultura. A cultura hip hop – afinal, a cultura não é propriedade da academia, do governo, da burguesia – pertence àquele que é capaz de produzi-la. Então se constata um fenômeno sociocultural em que, rejeitando a sedução do — ouro de tolo oferecido pelo monopólio da indústria fonográfica fabricante de modismos comportamentais, muitos desses jovens organizam-se em posses, Brasil afora, realizando estudos e eventos, produzindo arte, interferindo na linguagem e na metodologia educacional, reivindicando políticas públicas e propondo resistência, independência, autenticidade, atitude. (Faustino *Apud* Silva, 2012, p.77)

O grupo se vale da cultura para o embate as mistificações que são difundidas por valores germinados através da ideologia neoliberal na década de 1990, que tem como intuito, se pensarmos em hegemonia ideológica, assegurar um consenso sobre os valores que se tenta disseminar, garantindo deste modo a sua perpetuação nos espaços de poder.

Um discurso de prosperidade se impunha sobre toda a sociedade. Tal discurso reverberava em muitos estratos sociais pregando o “*faça você mesmo*” e o empreendedorismo no plano econômico. Impulsionados pela possibilidade de aquisição de produtos importados, o consumismo e a ostentação se colocaram como balizadores das relações sociais. Condutas individualistas eram estimuladas e tudo aquilo que denotasse ser comum ou público era criticado em nome das vantagens do privado. A partir desse discurso, passam a ser justificados os condomínios fechados, a privatização da gestão urbana e a substituição dos serviços públicos pelos serviços privados, por meio do desmonte do Estado, dentre outras medidas. (D’ANDREA, 2013, p. 54)

Também em *Capítulo 4 Versículo 3*, do álbum *Sobrevivendo no inferno*, de 1997, que podemos analisar a crítica aos difusores destes discursos envoltos de valores neoliberais.

Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor/ Pelo rádio, jornal, revista e outdoor/ Te oferece dinheiro, conversa com calma/ Contamina seu caráter, rouba sua alma/ Depois te joga na merda sozinho/ Transforma um preto tipo A num neguinho (...) é foda assistir a propaganda e ver que não dá para ter aquilo pra você (...). Seu comercial de TV não me engana/ eu não preciso de status nem fama. (RACIONAIS MC’S. 1997).

Demônio como metonímia? Se levarmos em conta nossa matriz cultural cristã, o demônio viria a representar os valores que eram disseminados a época? Acreditamos que sim.

Nossas considerações sobre a análise das letras das músicas, neste período de difusão de valores neoliberais, são que elas desenvolvem, pela via da organização cultural – em um grupo de rap que se vale da palavra como fenômeno ideológico por excelência (BAKHTIN. 2010) – para se colocarem na arena de ideias, realizando sua ideologia crítica que é feita na periferia para a periferia. Pois, como retrata o título da letra do álbum de 1997, *Periferia é periferia em qualquer lugar*.

O trabalho ocupa todo o seu tempo/ Hora extra é necessário pro alimento/ Uns reais a mais no salário/ Esmola de um patrão, cuzão milionário!/ Ser escravo do dinheiro é isso, fulano/ 360 dias por ano, sem plano/ Se a escravidão acabar pra você/ Vai viver de quem? Vai viver de quê?/ O sistema manipula sem ninguém saber/ A lavagem cerebral te fez esquecer/ Que andar com as próprias pernas não é difícil/ Mais fácil se entregar, se omitir/ Nas ruas áridas da selva/ Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de guerra. (RACIONAIS MC’S. 1997).

Os sujeitos periféricos (D'ANDREA. 2013) encontram a organização cultural como alternativa para se colocarem na arena da luta de ideias, realizando a crítica ideológica dentro da arte que nasce nas periferias do mundo e se desenvolve nas periferias paulistanas e as palavras como fenômeno ideológico, dão caráter questionador e contestatório a ordem vigente, e, neste espaço tempo que analisamos, dedicam-se a despertar a população, que imbuída na espetacularização das relações sociais, reproduzem os valores neoliberais, que por sua vez, gera mais violência na rotina periférica.

Valendo-se do cotidiano periférico para trazer nas letras os questionamentos destas relações que são, segundo Debord (2003), “*mediatizadas por imagens*” (DEBORD. 2003, p.10), cristalizando, por sua vez, uma visão de mundo em um espetáculo que “*constitui o modelo presente da vida socialmente dominante.*” (DEBORD. 2003, p.10)

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo *separado*, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada. O espetáculo não pode ser compreendido como abuso do mundo da visão ou produto de técnicas de difusão massiva de imagens. Ele é a expressão de uma *Weltanschauung*, materialmente traduzida. É uma visão cristalizada do mundo. O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORB. 2003, p. 10)

Conclusão

O retrato periférico escrito musicalmente por um estilo que nasce como reivindicatório e que sustenta como bandeira às lutas da juventude negra, pobre e periférica trazendo às periferias provocações sobre o estado de coisas que se colocam ao território em reflexões poéticas, utilizando como principal arma crítica a palavra, fenômeno ideológico por excelência como nos diz Bakhtim (2010), é o fazer ideológico que a cultura de periferia produz como resistência a ideologia dominante que se difunde territorialmente.

Percebemos esta organização cultural de periferia como um fazer ideológico neste sentido, pois ela se coloca como crítica a sociabilidade capitalista e também aponta para as consequências que a lógica de acumulação de capital traz ao território, tornando um espaço de segregação, lugar opaco e lento e que nas considerações de Raimundo são:

Condições nas quais talvez morem as explicações para entendermos a criação das contra racionalidades vista por Milton Santos, para quem “a força dos fracos é seu tempo lento” surgidas de espaços opacos, onde está a classe trabalhadora, os populares e seus saberes⁷.” (RAIMUNDO. 2017, p.27).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução. Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. *Atuação de assistentes sociais na Política Urbana: subsídios para reflexão*. Brasília, 2006. 66f. Série Trabalho e Projeto Profissional nas Políticas Sociais.

⁷ Nossa citação possui nota de rodapé a respeito da obra de Santos (1994) que Raimundo (2017) utiliza para fundamentar sua assertiva que citamos a seguir “Sobre conceitos de lugares “opacos” e “luminosos” ver: *Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico- científico-informacional de Milton Santos, 1994.*” Porém, o conceito de lugares opacos e luminosos se encontra em outra obra de Santos e Silveira (2006) que abordaremos no segundo subtópico de nossa pesquisa.

- COUTINHO, C. N. *Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Campus, a1992.
- COUTINHO, C. N. *Cultura e Sociedade no Brasil: Um ensaio sobre ideias e formas*. 4 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- D'ANDREA, T. P. *A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na cidade de São Paulo*. 2013. 309f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Brasil: Ed. eBook Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2017.
- FERNANDES, F. *A revolução Burguesa no Brasil: ensaio de uma interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2006.
- HARVEY. D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- KOWARICK, L. *A Espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 44).
- MARINI, R. M. *Dialética da dependência*. Trad. Marcelo Carcanholo e Carlos Eduardo Martins. In: TRASPADINI, R.; STEDILE, J. P. (Orgs.). Ruy Mauro Marini: Vida e Obra. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2005. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2795191/mod_resource/content/1/Dial%C3%A9tica%20da%20Depend%C3%Aancia%20-%20Ruy%20Mauro%20Marini%20-%20exp.%20popular.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- MARX, K. A Lei Geral da Acumulação capitalista. In: _____. *O Capital: Crítica da economia política – Livro I: O processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 835-958.
- MÉSZAROS, I. *O poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- OLIVEIRA, F. *A economia brasileira: crítica à razão dualista*. Petrópolis: Vozes/Cebrap, 1981.
- PRIVATIZAÇÕES: a distopia do Capital. Direção: Silvio Tendler. [S.l.]: Caliban Cinema e Conteúdo, 2014. Youtube (56 min). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=A8As8mFaRGU&t=2468s>. Acesso em: 15 out. 2017.

RAIMUNDO, S. L. *Território, Cultura e Política: Movimento Cultural das Periferias, Resistência e cidade desejada*. 2017. 247 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SADER, E. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. As diferenciações no território. In: _____. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, J. C. G. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. 1998. 286f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SILVA, R. S. *A periferia pede passagem: trajetória social e intelectual de Mano Brown*. 2012. 293f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SINGER, P. *Economia política da urbanização*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1541614>>. Acesso em: 16 set. 2017.

VAL, A. P. et al. *Políticas públicas de cultura*. São Paulo: s.n., 2016. Disponível em: <http://www.camara.sp.gov.br/escoladoparlamento/wp-content/uploads/sites/5/2016/06/20161006_LIVRO_DIGITAL_POLITICAS_PUBLICAS.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.